

GUIA DE IDENTIFICAÇÃO · NOTA TÉCNICA · ANÁLISE JURÍDICA ·
OS CÓDIGOS ANTES DA INTERNET

CÓDIGOS DO ÓDIO

Símbolos, Emojis e Linguagens Cifradas
Usadas para Propagar Antissemitismo nas
Redes Sociais

VIVA.18

MATERIAL EDUCATIVO INSTITUCIONAL

CÓDIGOS DO ÓDIO

Símbolos, Emojis e Linguagens Cifradas Usadas para Propagar Antissemitismo nas Redes Sociais

Produção: AVIVA•18/ Lilia Frankenthal

Público-alvo: sociedade civil, educadores, empresas, autoridades, plataformas digitais

VOLUME II – Maio/2026
CONTEÚDO DO
MATERIAL GUIA DE
IDENTIFICAÇÃO NOTA
TÉCNICA
ANEXO I – ANÁLISE JURÍDICA
ANEXO II – OS CÓDIGOS ANTES DA INTERNET

AVISOS LEGAIS

- 1 Este material possui finalidade exclusivamente educativa, preventiva e institucional. A apresentação de símbolos, códigos, números, emojis ou referências históricas ocorre unicamente para fins de alerta, capacitação e prevenção, não constituindo endosso, apologia ou reprodução de discurso de ódio, extremismo ou discriminação.
- 2 Este kit é para distribuição totalmente gratuita, para esclarecimento e orientação a todos que lutam contra a disseminação dos discursos de ódio
- 3 Protegido pela Lei de Direitos Autorais: A reprodução parcial ou integral é proibida sem os devidos créditos, sob pena de aplicação das medidas legais cabíveis.

NAVEGAÇÃO

SUMÁRIO

Apresentação	4
PARTE I: GUIA DE IDENTIFICAÇÃO	5
1. ANTISSEMITISMO DIGITAL E LINGUAGEM CODIFICADA	5
2. POR QUE ISSO IMPORTA?	6
3. MENSAGENS CIFRADAS: SÍMBOLOS, NÚMEROS, EMOJIS E EXPRESSÕES	6
3.a / 3.b. MUITO IMPORTANTE: O CONTEXTO	7
4. OS CÓDIGOS DO ÓDIO	10
4.1 NÚMERO 271 / 2-7-1 / 27/1	10
4.2 CAIXA DE SUÇO	11
4.3 NÚMERO 88 - AH18 / 18/88	12
4.4 NÚMERO 14 / 14-88	13
4.5 DOIS RAIOS PARALELOS	14
4.6 EMOJI DE RATO	15
4.7 PARÊNTESES TRIPLOS	16
4.8 ESTRELA DE DAVI DISTORCIDA OU IRÔNICA	17
4.9 SAPOS, MEMES E PERSONAGENS "INOCENTES"	18
4.10 BLACK SUN / SONNENRAD	19
4.11 TOTENKOPF	19
4.12 TRIÂNGULO INVERTIDO	20
4.13 TIJOLO	20
4.14 CÉREBRO	21
4.15 DNA	21
4.16 MUNDO + SACO DE DINHEIRO	22
4.17 MÁSCARA	22
4.18 BARATA OU INSETO	23
4.19 CÓDIGOS DE PUREZA	23
4.20 NÚMERO 2316 / 23:16 / 23/16	24
4.21 NÚMEROS 109 / 110	25
4.22 RUNAS	26
4.23 RUNA ODAL	27
4.24 WOLFSANGEL	28
4.25 NÚMERO 311	29
5. TABELA PARA VISUALIZAÇÃO RÁPIDA	30
PARTE II: NOTA TÉCNICA	32
TEMA, OBJETO, ENQUADRAMENTO E DEVER DE PREVENÇÃO	32
CONSEQUÊNCIAS JURÍDICAS NO BRASIL	33
O QUE FAZER AO IDENTIFICAR ESSES SÍMBOLOS	35
A ASSOCIAÇÃO AVIVA.18	35
ANEXO II: OS CÓDIGOS ANTES DA INTERNET	37
ANEXO I: ANÁLISE JURÍDICA	49
QUEM SOMOS / CONTATO	53

APRESENTAÇÃO

APRESENTAÇÃO

O antissemitismo contemporâneo não depende mais de palavras explícitas. No ambiente digital, ele se manifesta de maneira sofisticada, oculta em símbolos, números, emojis e referências codificadas, criando uma linguagem aparentemente banal, mas profundamente violenta e excludente.

Essa mutação não reduz a gravidade da conduta — apenas dificulta sua identificação. O ódio não desapareceu; ele aprendeu a se camuflar.

A AVIVA•18 elaborou este material com o objetivo de fornecer clareza conceitual, segurança jurídica e orientação prática para instituições públicas e privadas, empresas, escolas, autoridades e sociedade civil organizada.

Com o recente uso de mensagens cifradas pelos propagadores do ódio e o desconhecimento que detectamos em nosso dia-a-dia, elaboramos esse kit para que todos possam ter esclarecimento e reconheçam as mensagens cifradas.

OBJETIVOS DESTE KIT

0 1

Identificar símbolos, emojis, números e códigos associados ao antissemitismo e aoneonazismo.

0 2

Alertar sobre os riscos da normalização simbólica do ódio.

0 3

Oferecer base técnica para prevenção institucional.

0 4

Orientar sobre responsabilidades jurídicas por ação ou omissão.

0 5

Apoiar a atuação de autoridades, empresas e educadores.

PARTE I

GUIA DE IDENTIFICAÇÃO

1. ANTISSEMITISMO DIGITAL E LINGUAGEM CODIFICADA

Grupos extremistas utilizam símbolos como forma de comunicação estratégica. A substituição de palavras por sinais gráficos, números ou emojis não altera a natureza discriminatória da mensagem, apenas a torna menos evidente ao público geral.

O Direito e as ciências sociais reconhecem que a análise deve considerar: o contexto, a intenção, a reiteração, o alvo da mensagem e o significado histórico do símbolo.

Não se trata de interpretação subjetiva, mas de leitura contextual tecnicamente fundamentada.

**O antissemitismo nunca desapareceu.
Ele apenas aprendeu a falar em código.**

Banidos de slogans explícitos, grupos antissemitas, neonazistas e extremistas passaram a utilizar símbolos, números, emojis e piadas internas para disseminar ódio sem chamar atenção imediata, especialmente nas redes sociais.

Esses códigos:

- Permitem reconhecimento entre membros do grupo
- Buscam banalizar o ódio
- Dificultam denúncia e moderação
- Normalizam ideologias violentas sob aparência inofensiva

Conhecer esses símbolos é alfabetização cívica no século XXI. Essencial para prevenção e responsabilização aos discursos de ódio.

A ausência de literalidade é, hoje, estratégia deliberada. Símbolos aparentemente neutros podem operar em conjunto como marcadores de pertencimento, provocação ou ataque.

2. POR QUE ISSO IMPORTA?

Porque:

- Muitas vítimas não entendem o ataque que estão sofrendo
- Autoridades e empresas nem sempre reconhecem o sinal
- O silêncio interpretado pelo agressor é visto como autorização

O ódio prospera na ignorância.

A informação é o antídoto clássico e funciona desde Roma, passando pela Idade Média, até agora.

3. MENSAGENS CIFRADAS¹: PRINCIPAIS SÍMBOLOS, NÚMEROS, EMOJIS E EXPRESSÕES APARENTEMENTE NEUTRAS USADOS EM CONTEXTOS ANTISSEMITAS ²

O que não é dito explicitamente continua sendo dito.

O símbolo substitui a palavra.

A repetição constrói o sentido.

E o silêncio - quando ninguém reage - legítima.

Identificar é o primeiro ato de defesa.

Ignorar é o primeiro passo da normalização.

¹ Sempre levar em conta o contexto conforme explicado nos próximos tópicos

² Estaremos sempre atualizando esta lista

PARTE I

MUITO IMPORTANTE: O CONTEXTO**O NECESSÁRIO CONTEXTO**

3.a) Quais os sinais de que um comentário é antissemitismo e não crítica política legítima?

3.b) Quando um emoji, símbolo ou mensagem pode configurar antissemitismo?

O CONTEXTO IMPORTA.**3.a) Quais os sinais de que um comentário é antissemitismo e não crítica política legítima?**

A palavra “sionista” não é, por si só, uma agressão.

Para o povo judeu, o sionismo está ligado ao direito à autodeterminação, à existência nacional e à criação do Estado de Israel. Antes de 1948, o sionismo era uma ideia, uma luta política e histórica: a busca pelo reconhecimento do direito do povo judeu a ter um Estado próprio. Com a criação oficial do Estado de Israel, em 1948, essa luta se concretizou.

O problema, hoje, é outro.

O antissemitismo contemporâneo raramente se apresenta com panfletos, marcas nas portas ou comícios inflamados. Ele aprendeu a trocar de roupa. Muitas vezes, aparece disfarçado de crítica política.

Criticar o governo de Israel é legítimo. Discordar de ações militares é legítimo. Condenar políticas públicas, decisões estatais ou atos de governantes faz parte do debate democrático.

Mas antissemitismo não é crítica política.

3.b) Quando um emoji, símbolo ou mensagem pode configurar antissemitismo?

Um ponto é fundamental: nenhum símbolo deve ser analisado isoladamente.

Um emoji, uma palavra, uma sigla, um número ou uma mensagem cifrada só ganham verdadeiro significado quando observados dentro do contexto em que aparecem: quem publicou, onde publicou, contra quem publicou, com que frequência publicou e qual é o histórico daquele perfil.

É o contexto que revela a intenção.

É o contexto que transforma uma mensagem aparentemente banal em algo juridicamente relevante.

O mesmo emoji pode ser apenas uma brincadeira sem importância — ou pode ser um ataque racial disfarçado.

Por isso, uma investigação séria não pode ser literalista. Deve ser contextual.

Exemplo: o emoji da caixa de suco 

Sinal de alerta

Se uma mensagem cifrada ou um emoji não faz sentido no local em que foi colocado, é preciso atenção.

Por exemplo: se alguém comenta o emoji de uma caixa de suco em uma foto de uma pessoa judia trabalhando, viajando, estudando ou vivendo uma situação que nada tem a ver com “suco”, e não há explicação razoável para aquele emoji estar ali, o uso pode indicar uma mensagem codificada de teor antissemita.

O problema não está no emoji em si.

O problema está no uso deslocado, na intenção, no histórico do autor e na possibilidade de aquele símbolo estar funcionando como código para atacar judeus sem escrever abertamente a ofensa.

Uso banal

Por outro lado, se o mesmo emoji aparece em uma publicação sobre bebida, lanche, comida, supermercado, infância, rotina ou qualquer contexto em que uma caixa de suco faça sentido, provavelmente é apenas isso: um emoji comum.

Nem todo símbolo é código. Nem toda provocação é crime. Nem tudo que machuca será, necessariamente, antissemitismo penalmente relevante

Nem tudo que machuca será, necessariamente, antissemitismo penalmente relevante.

E aqui vale uma regra de ouro: se tudo é antissemitismo, então nada é antissemitismo.

É preciso separar o que é ofensivo, imoral, grosseiro ou cruel daquilo que efetivamente configura ilícito, especialmente ilícito penal. Sabemos que dói. E muitas vezes dói mesmo. Mas essa distinção é necessária para que a denúncia seja séria, tecnicamente forte e juridicamente sustentável.

Quando a conduta não configurar crime, ainda assim poderá ser analisada à luz do Direito Civil, especialmente se houver dano moral, exposição, humilhação, perseguição ou violação à honra.

A análise deve ser cuidadosa. Na dúvida:

1. observe o contexto;
2. guarde as provas;
3. peça ajuda.

***E NUNCA, NUNCA NORMALIZE O ATAQUE!
SE MACHUCOU, NÃO IGNORE. VOCÊ NÃO ESTÁ SÓ.***



PARTE I


4. OS CÓDIGOS DO ÓDIO


27/1
2-7-1
27/1

4.1. NÚMERO 271 / 2-7-1 / 27/1

O código '271', (frequentemente escrito como 271K), está associado a uma falsa teoria da conspiração usada por negacionistas do Holocausto.

É utilizado para minimizar ou distorcer a tragédia da Shoá, afirmando incorretamente que apenas 271.000 judeus foram mortos durante o regime nazista, em vez dos 6 milhões historicamente comprovados.

 **Significado Codificado:** Minimizar e distorcer a tragédia do Holocausto.

 **Contexto antissemita:** Na internet e redes sociais, assim como no mundo físico, o número é frequentemente disfarçado por meio de gírias e teorias da conspiração (por exemplo, associando o valor a preços de produtos ou conversas em códigos) com o objetivo de disseminar desinformação e discurso antissemita.

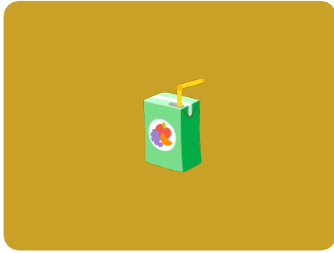
Lembrando que: A negação ou deturpação do Holocausto são tratadas como crime. Elas são enquadradas pelo Supremo Tribunal Federal como crimes de racismo e apologia ao nazismo, que são inafiançáveis e imprescritíveis. (Lei 7.716/1989 – Lei do Racismo).

A nível regional, o estado de São Paulo também sancionou a Lei Estadual nº 17.817/2023, que proíbe o ensino ou a abordagem disciplinar do Holocausto sob o viés do negacionismo na rede de ensino básica.

Nos demais estados, a coibição de discursos negacionistas em salas de aula ou espaços públicos não depende de leis estaduais específicas, mas sim da aplicação direta da **legislação federal** (a Lei do Racismo) e do cumprimento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que estabelece o ensino do Holocausto como competência histórica obrigatória de forma factual e científica.

 **Por que usam isso?**

- Evitar moderação - plataformas não identificam facilmente;
- Criar pertencimento - só entende quem “é do grupo”;
- Testar reação - se ninguém reage → normaliza
- Negabilidade - “é só um número” (clássico)



4.2. Caixa de Suco

O emoji da caixa de suco (🍷), quando utilizado de forma reiterada ou direcionada em contextos específicos, pode funcionar como código de desumanização baseado em trocadilho linguístico, sendo empregado para escárnio e redução simbólica de judeus a objetos.

Um emoji aparentemente banal (🍷), usado no cotidiano para bebida.

👉 Em certos contextos online, ele é ressignificado como código de escárnio antissemita.

👁️ **Significado Codificado:** O ponto central é um jogo linguístico em inglês: “juice” (suco). “Jews” (judeus).

👉 Pronúncia semelhante → base para trocadilho ofensivo.

⚠️ **Contexto antissemita:** Quando usado de forma coordenada ou repetida, o emoji passa a carregar:

- desumanização (reduzir pessoas a “produto”)
- ironia sobre violência histórica
- banalização do sofrimento

👉 É a mesma lógica da propaganda nazista clássica: *“transformar o outro em objeto, coisa, algo descartável”*

➡️ **Como pode aparecer na prática**

Exemplo 1: “Olha quem apareceu”

Exemplo 2: Spam do emoji em comentários de conteúdo judaico (o emoji colocado sem contexto como comentário)

Exemplo 3: 🍷 + 💰 + comentário sobre “controle”


Atenção: O contexto é determinante


88
AH18
18/88

4.3. NÚMERO 88 – VARIAÇÕES: AH18 / 18/8

O número 88 constitui código amplamente reconhecido como referência à expressão "~~Heil Hitler~~", sendo utilizado como marcador ideológico por grupos neonazistas, especialmente em ambientes digitais, por meio de usernames, hashtags e mensagens cifradas.

Representa a oitava letra do alfabeto ("H"), repetida duas vezes, na saudação nazista.

 **Significado Codificado:** H = 8ª letra do alfabeto
88 = HH

 **Contexto antissemita:** Aqui não é "sutil": é código consolidado e historicamente documentado:

- saudação nazista cifrada;
- identificação entre neonazistas;
- marcador ideológico direto

 **Como pode aparecer na prática**

Exemplos:

- Username: "Patriot88"
- Bio: "Since 1988 🇺🇸" (em contexto suspeito)
- Comentário isolado: "88"

Combinações comuns:

- 1488 → supremacismo explícito;
- 88 + símbolos e emojis antissemitas

14 / 14 - 88

4.4. NÚMERO 14 / 14-88

Um dos códigos mais estruturados e reconhecidos do extremismo contemporâneo.

O número 14, especialmente quando combinado com 88, constitui referência direta a slogan supremacista branco de matriz neonazista, sendo amplamente utilizado como marcador ideológico em ambientes digitais.

Significado Codificado:

As “14 palavras”

Criadas por David Lane, membro de grupo neonazista.

“We must secure the existence of our people and a future for white children.”

“Devemos assegurar a existência do nosso povo e um futuro para as crianças brancas.”

Contexto antissemita:

Embora mencione “brancos”, o conceito nasce da mesma matriz ideológica que:

- saudação nazista cifrada;
- associa judeus à “ameaça”
- sustenta teorias de substituição populacional
- legitima exclusão e violência

Defende preservação racial; pressupõe que há um “inimigo”; sustenta a ideia de substituição populacional


Essa frase já foi utilizada por autores de ataques terroristas em diferentes países.

É nazismo puro em essência: mesmo culto racial; mesmo medo do “outro”; mesma obsessão com sangue, futuro e pureza; mesma lógica que culmina em exclusão, perseguição e extermínio.

É o nazismo em versão pós-guerra, com terno novo e o mesmo ódio velho. O nazismo histórico falava em Volk, pureza ariana e destino do Reich. O neonazismo fala em “existência”, “futuro” e “crianças brancas”. Trocaram o figurino; o roteiro é o mesmo.

Como pode aparecer na prática

Quando aparece como 14/88 ou 1488, você tem: 14 → ideologia 88 → saudação nazista

 Tradução direta: “sou alinhado ao supremacismo branco e ao nazismo

Exemplos:

- **usernames:** “Warrior1488” - **hashtags:** #14#1488 - **bios:** “14wo



4.5. DOIS RAIOS PARALELOS

Representação simbólica da SS nazista (Schutzstaffel). A utilização de dois raios paralelos () constitui referência simbólica à SS nazista, organização central na implementação das políticas de perseguição e extermínio do regime, sendo seu uso contemporâneo indicativo relevante de alinhamento ideológico extremista.

👁️ Significado Codificado:

A SS utilizava um símbolo com dois “raios” estilizados que visualmente lembram ⚡⚡
 👉 Não é símbolo genérico — é institucional do nazismo

⚠️ Contexto antissemita:

Elite ideológica e militar do regime nazista diretamente ligada a:

- perseguição de judeus;
- campos de concentração;
- genocídio*

Quando utilizado nos dias de hoje, indica

- identificação com ideologia nazista exaltação simbólica da SS;
- adesão a valores de supremacia racial

👉 Em termos claros: é uma homenagem codificada ao aparato responsável pela Shoá

*Genocídio: O termo foi cunhado em 1944 pelo advogado polonês Raphael Lemkin. Ele combinou o prefixo grego genos (raça, povo ou tribo) com o sufixo latino cide (matar, de occidere) para descrever as atrocidades sistemáticas cometidas durante o Holocausto pelos nazistas

Segundo o direito internacional, o genocídio não se resume apenas a assassinatos em massa. Pode configurar genocídio qualquer ato cometido com a intenção de destruir um grupo protegido por meio de assassinato de membros do grupo, danos graves à integridade física ou mental, submissão intencional a condições de existência que visem à destruição física total ou parcial, medidas destinadas a impedir nascimentos no seio do grupo e transferência forçada de crianças do grupo para outro.

👉 Genocídio **EXIGE** intenção de exterminar um grupo; não é efeito colateral de guerra, não são mortes acidentais, não cabe dolo eventual.

➡️ Como pode aparecer na prática

- ⚡⚡ (emoji) “SS” estilizado como raios, logos ou tatuagens;
- Exemplos: **Bio:** “⚡⚡88” - **Nome:** “IronSS”



4.6. RATO

O uso do emoji de rato (🐭), quando direcionado a indivíduos ou grupos em contexto discriminatório, reproduz técnica histórica de desumanização, associando pessoas a pragas, sendo juridicamente relevante na caracterização de discurso de ódio.

👁️ **Significado Codificado:** A associação entre judeus e ratos não é acidental — é propaganda clássica nazista.

Um exemplo marcante é o filme de propaganda *Der Ewige Jude*, que comparava judeus a pragas para justificar perseguição e extermínio.

👉 A lógica era clara:

- desumanizar o povo judeu;
- associa-lo à sujeira/doença;
- legitimar extermínio

⚠️ **Contexto antissemita:** Quando utilizado hoje, o rato pode significar:

- desumanização;
- associação a praga;
- idéia de “contaminação social”

👉 É uma repetição moderna de um método antigo: transformar pessoas em algo que pode ser eliminado sem culpa

➡️ **Como pode aparecer na prática**

Exemplos:

Exemplo 1: comentário em conteúdo judaico: “🐭🐭🐭”

Exemplo 2: 🐭 + acusações de controle ou corrupção

Exemplo 3: 🐭 repetido em massa (spam direcionado)

(((NOME ou TERMO)))

4.7. TRÊS PARÊNTESES TRIPLOS

Os parênteses triplos (((nome))) constituem mecanismo simbólico de marcação de indivíduos, utilizado em ambientes extremistas para identificar e direcionar ataques a pessoas associadas à comunidade judaica, configurando relevante indício de discriminação quando contextualizado.

👁️ Significado Codificado: A associação entre judeus e ratos não é acidental — é propaganda clássica nazista.

Um exemplo marcante é o filme de propaganda *Der Ewige Jude*, que comparava judeus a pragas para justificar perseguição e extermínio.

👉 A lógica era clara:

- desumanizar o povo judeu;
- associa-lo à sujeira/doença;
- legitimar extermínio

⚠️ Contexto antissemita: Quando utilizado hoje, o rato pode significar:

- desumanização;
- associação a praga;
- idéia de “contaminação social”

👉 É uma repetição moderna de um método antigo: transformar pessoas em algo que pode ser eliminado sem culpa

➡️ Como pode aparecer na prática

Exemplos:

Exemplo 1: comentário em conteúdo judaico: “🐭🐭🐭”

Exemplo 2: 🐭 + acusações de controle ou corrupção

Exemplo 3: 🐭 repetido em massa (spam direcionado)



4.8. ESTRELA DE DAVI DISTORCIDA OU IRÔNICA

Quando vinculada a dinheiro, controle ou sarcasmo político, pode indicar discurso antissemita contextualizado. A Estrela de Davi é um símbolo religioso, histórico e identitário do povo judeu. Seu uso, por si só, não é ofensivo nem ilícito.

O problema surge quando o símbolo é distorcido, ridicularizado ou colocado em contexto de acusação coletiva contra judeus, especialmente quando associado a dinheiro, dominação, conspiração, manipulação política ou controle mundial.

Nesses casos, a Estrela de Davi deixa de funcionar como referência religiosa ou cultural e passa a ser usada como marcador visual de estereótipos antissemitas antigos, como a ideia falsa de que judeus controlariam governos, bancos, mídia, guerras ou instituições.

Também pode haver antissemitismo quando o símbolo aparece de forma irônica ou debochada para representar “poder oculto”, “ganância”, “controle” ou “influência secreta”. É a velha acusação conspiratória vestida com roupa gráfica nova — o mesmo veneno, outro frasco.



Contexto antissemita:

Pode indicar discurso antissemita quando a Estrela de Davi aparece:

- associada a dinheiro, bancos, lucro ou ganância;
- associada a controle político, econômico, midiático ou social;
- associada a teorias conspiratórias sobre domínio mundial;
- usada de forma deformada, zombeteira ou agressiva;
- inserida em sarcasmo político que transforma judeus, Israel ou “sionistas” em culpados universais.

Atenção ao contexto

Nem toda Estrela de Davi em crítica política é antissemitismo.

Mas, quando o símbolo é usado para insinuar que judeus ou “sionistas” controlam tudo, lucram com tudo ou manipulam tudo, a crítica política desaparece.

O que sobra é estereótipo antissemita.



4.9. SAPOS, MEMES, PERSONAGENS **“INOCENTES” APARENTEMENTE NEUTROS**

Certos memes são ressignificados em ambientes extremistas, funcionando como códigos internos de ódio disfarçado de humor.

Aparentemente humorísticos são reciclados em ambientes extremistas, carregando mensagens antissemitas veladas.

O humor é frequentemente usado como escudo retórico

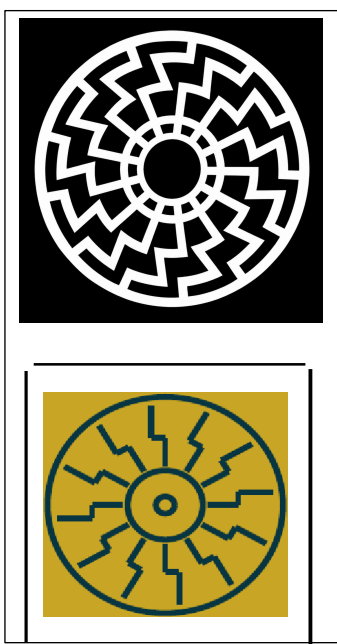


PARTE I

Códigos complementares

As páginas seguintes complementam o guia **CÓDIGOS DO ÓDIO volume I** Foram inseridos símbolos e padrões contemporâneos que podem aparecer como linguagem cifrada em ambientes extremistas, sempre dependentes de contexto, reiteração, alvo e associação com outras mensagens.

Como dissemos no volume anterior, os antissemitas se reinventam para que a comunicação passe despercebida.



4.10. BLACK SUN / SONNENRAD

Símbolo circular de aparência solar, composto por raios ou runas dispostos em padrão radial. Também é conhecido como Sonnenrad, "roda solar" em alemão.

⚠ Contexto antissemita: Apropriado por círculos neonazistas e supremacistas como referência à estética mística da SS e à ideia de identidade racial.

➡ Como pode aparecer na prática Em ambientes digitais, pode aparecer em logos, avatares, tatuagens e montagens para sinalizar alinhamento ideológico extremista.



4.11. TOTENKOPF

A "cabeça da morte" - caveira associada à SS e a unidades nazistas. Pode aparecer como caveira, caveira com ossos, insígnia militarizada ou desenho estilizado.

⚠ Contexto antissemita: Quando usado com referências nazistas, símbolos judaicos, números como 88 ou mensagens de eliminação, comunica intimidação, morte simbólica ou exaltação do aparato responsável pela perseguição e extermínio do povo judeu.



4.12. TRIÂNGULO INVERTIDO

Triângulo apontado para baixo, por vezes usado isoladamente ou combinado com símbolos judaicos. Sua interpretação depende fortemente do contexto

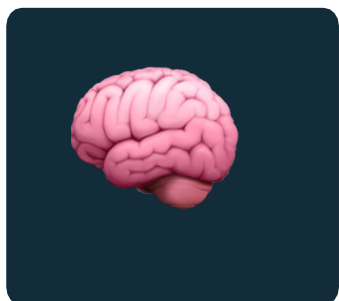
⚠ Contexto antissemita: Funciona como sinal de marcação, ameaça ou provocação quando ligado a símbolos judaicos, códigos neonazistas, linguagem de perseguição ou imagens de alvo. Também pode remeter à memória histórica de classificação de prisioneiros em regimes de perseguição.



4.13. TIJOLO

Pode simbolizar separação, barreira, exclusão ou segregação.

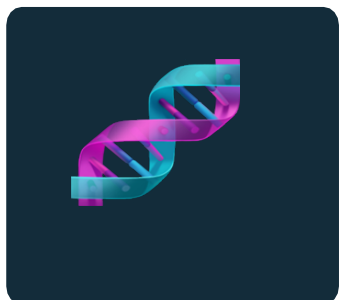
⚠ Contexto antissemita: Aparece associado à ideia de “cada grupo no seu lugar”, expulsão ou construção simbólica de muros contra judeus.



4.14. CÉREBRO

Pode ser usado para insinuar manipulação intelectual, controle mental, "engenharia social" ou domínio oculto.

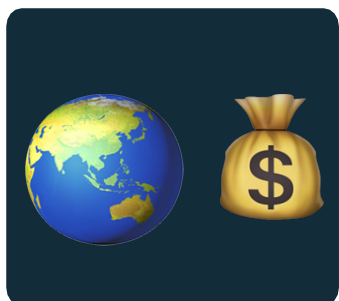
⚠ Contexto antissemita: Torna-se relevante quando ligado a narrativas de judeus como controladores de mídia, governos ou universidades.



4.15. DNA

Usado em discursos de “pureza genética”, herança biológica e superioridade racial.

⚠ Contexto antissemita: Em contextos supremacistas, serve para dar aparência pseudocientífica à exclusão de judeus e minorias.



4.16. MUNDO + SACO DE DINHEIRO

Combinação usada para sugerir que os judeus detêm o “controle global financeiro”.

⚠ Contexto antissemita: Retoma teorias conspiratórias antigas sobre judeus controlarem bancos, economia mundial, governos e mídia.



4.17. MÁSCARA

Podem insinuar disfarce, ocultação ou manipulação.

⚠ Contexto antissemita: Aparece como linguagem de "eles, (os judeus), se escondem", "não mostram quem são" ou "agem por trás dos panos".



4.18. BARATA OU INSETO

Assim como o rato, funciona como desumanização

⚠ Contexto antissemita: Quando dirigido a judeus ou associado a "praga", "infestação" ou "limpeza", reproduz a linguagem histórica de extermínio.

Exemplo: Repetição de insetos em conteúdo judaico ou comentário sobre "limpeza".

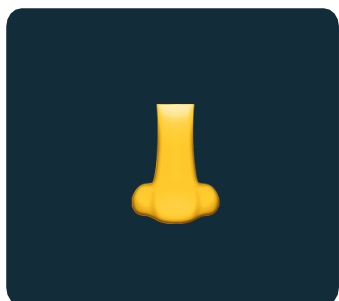
CÓDIGOS de PUREZA

4.19. CÓDIGOS de PUREZA

Palavras e sinais aparentemente neutros usados para comunicar pureza racial, pertencimento de sangue, ancestralidade ou exclusão do “outro”.

⚠ Contexto antissemita: Tornam-se relevantes quando associados a narrativas de substituição populacional, controle judaico, eliminação de influências “externas” ou símbolos como Odal, Black Sun, 88 e 14/88.

Exemplos: “Pure blood”, “raízes”, “herança”, “sangue e solo”, “DNA”, “nosso povo”, “preservar cultura”, “genealogia”, “ancestralidade”.



4.20. NARIZ

Emoji de nariz (👃) — símbolo aparentemente neutro que, em determinados contextos digitais, é utilizado para reproduzir estereótipos físicos historicamente associados à caricaturização antissemita de judeus.

⚠ Contexto antissemita: Nesses casos, o emoji funciona como caricatura física cifrada.

Torna-se relevante quando empregado reiteradamente em associação com discursos conspiratórios, ataques direcionados, símbolos extremistas ou estereótipos históricos ligados à comunidade judaica.

Nessas combinações, funciona como marcador visual indireto de escárnio, caricaturização e desumanização.

2316

23:16

23/16

4.21. NÚMERO 2316 / 23:16 / 23/16

O código 23/16 corresponde à representação cifrada da expressão ‘white power’, utilizando a posição das letras no alfabeto. Seu uso em ambientes digitais funciona como marcador ideológico de supremacismo racial, especialmente quando associado a outros símbolos ou narrativas discriminatórias.

👉 O formato “23:16” é proposital: parece citação religiosa →
→ passa despercebido

👉 É um equivalente “discreto” de slogans racistas explícitos.

Ou seja: o 23/16 funciona dentro do mesmo sistema ideológico que produz o antissemitismo

👁 **Significado Codificado:** Base: posição das letras no alfabeto:

W = 23ª letra P = 16ª letra

👉 Resultado: 23 / 16 = W / P = White Power

- afirmação de supremacia racial
- marcador de identidade ideológica
- forma cifrada de evitar moderação

⚠ **Contexto antissemita:**

O código não menciona judeus diretamente, mas o supremacismo branco **tem o antissemitismo como eixo estrutural** marcador de identidade ideológica de forma cifrada para evitar moderação:

Teorias como: controle global; substituição populacional; elite financeira.

➡ **Como pode aparecer na prática**


Formas comuns: 23:16 (parecendo versículo bíblico); 23/16; apenas 2316

Exemplos: Bio: “awake 23:16”; **Username:** “truth2316”;
Comentário: “23/16 sempre”

109
e/ou
110

4.22. NÚMEROS 109 e/ou 110


Os números 109/110 correspondem a narrativa conspiratória segundo a qual judeus teriam sido expulsos de diversos países ao longo da história, sendo o ‘110’ utilizado como referência simbólica à repetição dessa exclusão. Trata-se de construção retórica que distorce eventos históricos para legitimar discurso discriminatório.


 **Significado Codificado:** A base é a afirmação de que “judeus foram expulsos de 109 países ao longo da história”

A partir disso, cria-se o complemento: 110 = o próximo país a expulsá-los

Quando alguém usa 109/110, está sugerindo:

- que judeus “sempre causam problemas”
- que a expulsão seria “justificada”
- que a exclusão deveria se repetir

 Em termos diretos: é uma racionalização de perseguição histórica

 **Contexto antissemita:** Essa narrativa ignora contextos como: perseguições religiosas; expulsões forçadas; pogroms; discriminação institucional e transforma vítimas em “culpados recorrentes”

Esse código aparece associado a: teorias conspiratórias; discurso de “controle global” ; retórica de expulsão / exclusão

Ele funciona como: legitimação simbólica de políticas discriminatórias

Quando alguém usa 109/110, está sugerindo:

- que judeus “sempre causam problemas”
- que a expulsão seria “justificada”
- que a exclusão deveria se repetir

14 / 14 - 88

4.23. NÚMERO 14 / 14-88

Um dos códigos mais estruturados e reconhecidos do extremismo contemporâneo.

O número 14, especialmente quando combinado com 88, constitui referência direta a slogan supremacista branco de matriz neonazista, sendo amplamente utilizado como marcador ideológico em ambientes digitais.

Significado Codificado:

As “14 palavras”

Criadas por David Lane, membro de grupo neonazista.

“We must secure the existence of our people and a future for white children.”

“Devemos assegurar a existência do nosso povo e um futuro para as crianças brancas.”

Contexto antissemita:

Embora mencione “brancos”, o conceito nasce da mesma matriz ideológica que:

- saudação nazista cifrada;
- associa judeus à “ameaça”
- sustenta teorias de substituição populacional
- legitima exclusão e violência

Defende preservação racial; pressupõe que há um “inimigo”; sustenta a ideia de substituição populacional

Essa frase já foi utilizada por autores de ataques terroristas em diferentes países.

É nazismo puro em essência: mesmo culto racial; mesmo medo do “outro”; mesma obsessão com sangue, futuro e pureza; mesma lógica que culmina em exclusão, perseguição e extermínio.

É o nazismo em versão pós-guerra, com terno novo e o mesmo ódio velho. O nazismo histórico falava em Volk, pureza ariana e destino do Reich. O neonazismo fala em “existência”, “futuro” e “crianças brancas”. Trocaram o figurino; o roteiro é o mesmo.

Como pode aparecer na prática

Quando aparece como 14/88 ou 1488, você tem: 14 → ideologia 88 → saudação nazista

 Tradução direta: “sou alinhado ao supremacismo branco e ao nazismo

Exemplos:

- **usernames:** “Warrior1488” - **hashtags:** #14#1488 - **bios:** “14words”



4.24. RUNAS

Runas são caracteres de alfabetos germânicos antigos (ex.: Futhark), usados historicamente para escrita e também com conotações simbólicas.

👁️ Significado Codificado:

No século XX, o regime nazista apropriou algumas runas e lhes deu novo significado ideológico (guerra, poder, pertencimento ‘racial’). A partir daí, grupos neonazistas passaram a reutilizá-las, direta ou estilizadamente, como códigos visuais de supremacismo branco e identidade extremista

⚠️ Contexto antissemita:

Runas **não são, por si, ilícitas**. Tornam-se relevantes quando:

- aparecem junto de **88, 14/88, ⚡⚡, Black Sun**
- acompanham linguagem de “**sangue**”, “**raiz**”, “**povo**”, “**herança**”
- surgem em perfis, tatuagens ou logos com estética supremacista

👉 Nessas combinações, funcionam como **marcadores de pertencimento ideológico** ligados ao mesmo universo que sustenta o antissemitismo.

➡ Como pode aparecer na prática

Bio: “raízes e tradição ⚘” + “88” → a runa deixa de ser histórica e passa a ser **sinal de alinhamento**



4.25. RUNA ODAL (⚔)

Runas são caracteres de alfabetos germânicos antigos (ex.: Futhark), usados historicamente para escrita e também com conotações simbólicas.

👁️ Significado Codificado:

No século XX, o regime nazista apropriou algumas runas e lhes deu novo significado ideológico (guerra, poder, pertencimento ‘racial’). A partir daí, grupos neonazistas passaram a reutilizá-las, direta ou estilizadamente, como códigos visuais de supremacismo branco e identidade extremista

⚠️ Contexto antissemita:

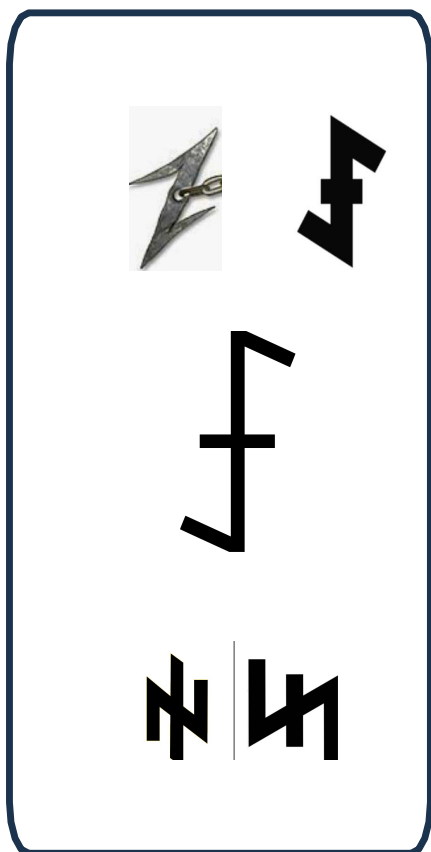
Foi apropriada por estruturas nazistas e, depois, por grupos neonazistas para expressar:

- sangue e solo
- pureza de origem
- exclusão de quem “não pertence”

👉 Aqui, a runa vira **atalho visual** para a ideia de que há um “povo legítimo” a ser preservado contra “outros”..

➡️ Como pode aparecer na prática

- “Heritage matters ⚔”
- “preservar nossas raízes ⚔ ”
- símbolo em avatar + 88/1488



4.26. WOLFSANGEL

Wolfsangel é símbolo de origem germânica que, após apropriação por formações nazistas, passou a ser utilizado por grupos neonazistas como marcador visual de pertencimento ideológico, sendo sua relevância jurídica determinada pelo contexto de uso e associação com outras expressões discriminatórias.

Símbolo germânico antigo (o nome significa algo como “gancho de lobo”), originalmente ligado a armadilhas/insígnias regionais na Europa Central. Algumas são caracteres de alfabetos germânicos antigos (ex.: Futhark), usados historicamente para escrita e também com conotações simbólicas.

👉 Não tem um único desenho fixo e essa é a parte traiçoeira.

Aqui apresentamos as formas mais comuns.

Em termos simples:

- parece um “Z” anguloso
- ou um gancho / peça metálica
- às vezes aparece vertical, girado ou minimalista
- Também pode aparecer rotacionado ou fragmentado

👁️ Significado Codificado:

Durante o século XX, o símbolo foi utilizado por unidades militares do regime nazista. Posteriormente adotado por grupos neonazistas e identidade extremista.

⚠️ Contexto antissemita:

O Contexto antissemita ocorre especialmente quando aparece junto de:

- 88 / 14–88
- (SS)
- runas / Odal
- linguagem de “povo”, “raiz”, “defesa”

Exemplos

- **Username:** “Wolf_88”
- **Bio:** símbolo + “heritage”
- **Avatar:** Wolfsangel em branco sobre fundo preto

11·11·11
311

4.27. NÚMERO 311

O número 311 pode ser interpretado, em determinados contextos, como referência cifrada à sigla ‘KKK’, a partir da correspondência da letra ‘K’ à 11ª posição do alfabeto, sendo utilizado NÚMERO 311 como forma indireta de identificação em ambientes de supremacismo branco, especialmente quando associado a outros códigos ou narrativas discriminatórias dos códigos mais estruturados e reconhecidos do extremismo contemporâneo.

👉 **K = 11 → 11·11·11 = 311 (ou “três 11”)**

👁 **Significado Codificado:** K é a 11ª letra do alfabeto - “três K” → KKK

Isso pode ser representado como:

👉 11 / 11 / 11 = condensado → 311

Ou seja: 311 pode funcionar como cifra para KKK (Ku Klux Klan)

⚠ **Contexto antissemita:** Em alguns círculos, já foi associado a:

- códigos raciais internos
- variações de identificação supremacista
- referências locais/grupos específicos

⚠ **Importante:** não há consenso único — e isso é intencional.

O 311 é um bom exemplo de como o discurso evolui:

👉 usa números “neutros”; depende de contexto para funcionar; evita símbolos óbvios

É linguagem feita para passar despercebida e manter comunicação interna entre grupos discriminatórios

➡ **Como pode aparecer na prática**

Exemplos

Username: “truth311”; “Patriot311_88”

Bio: “awake 311”; “311 forever” + símbolos

Comentário: “311 sabe”; “311 sabe quem manda”

Sozinho → parece irrelevante. Em conjunto → muda completamente

PARTE I

Tabela para Visualização Rápida

5. Tabela para Visualização Rápida

Principais símbolos, números, expressões e emojis usados em contextos antissemitas

Tipo	Símbolo / Código	Significado / Origem	Como é usado
Emoji 	caixa de suco / melancia	Código usado para escárnio e desumanização; associação indireta a judeus/Israel.	Comentários "inocentes", ironia ou spam repetido.
Número 271	271 / 2-7-1 / 27/1	Código contextual ligado a dominação, exclusão ou hierarquização entre grupos.	Comentários curtos, respostas cifradas e combinações com 88, dinheiro ou "globalistas".
Número 14	14	"14 palavras" - slogan supremacista branco de matriz neonazista.	Bios, usernames, hashtags e referências a "nosso povo".
Número 88	88	"Heil Hitler" (H = 8ª letra).	Nomes de perfil, comentários cifrados e combinações neonazistas.
Número 1488	1488 / 14-88	Combinação do slogan supremacista com saudação nazista.	Identidade explícita neonazista em bios, tags e símbolos.
Número 18	18	A = 1; H = 8: referência a Adolf Hitler.	Usernames como "AH18" ou combinação com 88.
Número 109 / 110	109 / 110	Narrativa antissemita de expulsões de judeus e proposta de "tornar 110".	Retórica de exclusão travestida de "história".
Número 311	311	Três onzes; associado a KKK e supremacismo branco em contextos extremistas.	Combinado com 88, 1488 ou discurso racial.
Número 23:16	23/16 ou 23:16	Referência cifrada a W/P ou "white power" (23ª e 16ª letras).	Bios, comentários e estética supremacista.
Símbolo 	dois raios paralelos	Referência simbólica à SS nazista.	Logos, tatuagens, usernames e emojis estilizados.
Símbolo ((nome))	(((()))	"Echo" - marcação de judeus ou pessoas associadas à comunidade judaica.	Cercando nomes, termos ou "eles".
Emoji 	rato	Desumanização: judeus comparados a pragas pela propaganda nazista.	Comentários, memes e spam direcionado.
Emoji 	porco	Provocação religiosa e cultural.	Insulto simbólico em ataques direcionados.
Símbolo religioso 	Estrela de Davi distorcida / combinada	Símbolo judaico associado a ódio, dinheiro, sangue, lixo ou sarcasmo.	Montagens, imagens de ameaça, controle ou deboche.
Meme / personagem 	sapos, memes e personagens "inocentes"	Memes ressignificados em ambientes extremistas como código interno de ódio.	Humor como escudo retórico; avatares, piadas internas e provocações.
Emoji 	dinheiro / moedas / notas	Estereótipo de ganância e controle financeiro.	Comentários financeiros direcionados a judeus.

Nota importante:
















Um símbolo isolado pode não configurar crime. Contexto, reiteração e direcionamento são determinantes.

PARTE I

Tabela para Visualização Rápida

5. Tabela para Visualização Rápida (continuação)

Principais símbolos, números, expressões e emojis usados em contextos antissemitas

Tipo	Símbolo / Código	Significado / Origem	Como é usado
Emoji	sinagoga + fogo 	Ataque simbólico à sinagoga ou ao espaço judaico.	Memes, ameaças veladas e celebração de violência.
Emoji	caveira + símbolos judaicos 	Mensagem de morte, apagamento ou intimidação.	Ameaças implícitas e montagens.
Símbolo	Black Sun / Sonnenrad 	Símbolo circular apropriado por neonazistas e supremacistas; estética mística da SS.	Avatares, logos, tatuagens, montagens e combinações com 88/14.
Símbolo	Wolfsangel 	Símbolo angular apropriado por formações nazistas e grupos neonazistas.	Bios, emblemas, logos e símbolos rotacionados ou minimalistas.
Símbolo	Runas 	Caracteres germânicos antigos apropriados por nazistas e neonazistas em certas combinações.	Com 88, 14/88, Odal, Black Sun e linguagem de "sangue", "raiz" ou "povo".
Símbolo	Runa Odal 	Runa de herança/terra ancestral apropriada para discurso de sangue, solo e exclusão.	Discursos de pureza, "heritage", "roots" e identidade racial.
Símbolo	Totenkopf 	Caveira associada à SS e a unidades nazistas.	Insignias, avatares, intimidação e exaltação de morte.
Forma	Triângulo invertido 	Pode indicar marcação, alvo ou provocação quando ligado a símbolos judaicos ou códigos neonazistas.	Triângulo + Estrela de Davi; imagens de alvo; mensagens de perseguição.
Emoji	tijolo 	Barreira, separação, segregação ou exclusão simbólica.	"Cada um no seu lugar", expulsão ou linguagem de muro.
Emoji	cérebro 	Insinuação de manipulação mental, engenharia social ou domínio oculto.	Narrativas de controle de mídia, governos ou universidades.
Emoji	DNA 	Pureza genética, herança biológica e pseudociência racial.	Frases como "está no sangue" ou "preservar linhagem".
Combinação	mundo + dinheiro 	Teoria conspiratória de "controle global financeiro".	Comentários sobre quem "manda no mundo" ou "controla tudo".
Emoji	máscara 	Disfarce, ocultação ou manipulação "por trás dos panos".	Com "globalistas", parênteses triplos e narrativas conspiratórias.
Emoji	barata / inseto 	Desumanização semelhante ao rato; ideia de praga, infestação ou limpeza.	Spam de insetos em conteúdo judaico ou comentários de "limpeza".
Linguagem	elite global / banqueiros / globalistas	Teorias conspiratórias históricas sobre controle judaico.	Discursos políticos, econômicos ou culturais com alvo étnico-religioso.
Linguagem	pure blood / raízes / herança / sangue e solo	Códigos de pureza racial e pertencimento de sangue.	Com Odal, Black Sun, DNA, 88 e 14/88.
Emoji	nariz 	Escárnio, caricaturização e desumanização	Associação com discursos conspiratórios, ataques direcionados, símbolos extremistas ou estereótipos históricos ligados à comunidade judaica.

Nota importante:

Um símbolo isolado pode não configurar crime. Contexto, reiteração e direcionamento são determinantes.

PARTE II

NOTA TÉCNICA**1. TEMA**

Uso de símbolos, emojis e códigos visuais para disseminação de antissemitismo nas redes sociais.

2. OBJETO

Esta Nota Técnica tem como finalidade orientar instituições, empresas, escolas, autoridades e plataformas acerca:

- da identificação do antissemitismo simbólico,
- dos riscos da omissão institucional,
- das medidas preventivas juridicamente adequadas.

3. ENQUADRAMENTO JURÍDICO GERAL

O antissemitismo é reconhecido pelo ordenamento brasileiro como forma de racismo, nos termos da Constituição Federal e da jurisprudência consolidada do Supremo Tribunal Federal.

A utilização de linguagem cifrada não descaracteriza o ilícito quando presentes contexto, intenção discriminatória e potencial lesivo.

4. DEVER DE PREVENÇÃO

Instituições públicas e privadas possuem dever:

- de identificação,
- de apuração,
- de interrupção da conduta,
- e de encaminhamento adequado.

A ausência de resposta pode caracterizar responsabilidade por omissão.

1. CONSEQUÊNCIAS JURÍDICAS NO BRASIL

No Brasil antissemitismo é crime e não opinião.

1.1 LEGISLAÇÃO APLICÁVEL

- **Constituição Federal – art. 5º XLII**

Racismo é crime inafiançável e imprescritível

- **Lei 7716/1989 (Lei do Racismo)**

Criminaliza discriminação por raça, etnia ou religião

- **Código Penal**

Pode incidir em:

- Incitação ao crime;
- Associação criminosa;
- Ameaça;
- Injúria racial;
- Crimes contra a Honra

1.2 RESPONSABILIDADE NAS REDES, EM EMPRESAS E NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO

- Pessoas físicas respondem criminal e civilmente ao propagar, comentar compactuando e compartilhar
- Empresas podem responder por omissão
- Escolas e organizações têm dever de prevenção e resposta
- Plataformas têm obrigação de moderação quando notificadas

Ignorar sinais claros pode gerar:

- Responsabilização criminal aos empresários e diretores educacionais por omissão
- Danos Morais
- Responsabilidade cível institucional
- Danos reputacionais severos

No Brasil, A ninguém é permitido alegar desconhecimento da Lei.

1.2.a RESPONSABILIDADE DO AUTOR DIRETO

O agente que utiliza tais símbolos pode responder:

- criminalmente;
- civilmente por danos morais;
- cumulativamente, sem exclusão de instâncias.

1.2.b RESPONSABILIDADE POR OMISSÃO (EMPRESAS, ESCOLAS, ORGANIZAÇÕES)

Instituições que:

- ignoram denúncias;
- deixam de apurar fatos evidentes;
- permitem a continuidade da conduta;

Podem ser responsabilizadas por omissão culposa ou dolosa, especialmente quando detêm:

- poder disciplinar;
- dever de vigilância;
- dever de cuidado com seus usuários, alunos ou colaboradores.

No âmbito corporativo, isso se conecta diretamente a compliance, ESG e governança.

1.2.c PLATAFORMAS DIGITAIS

As plataformas não são editoras universais, mas:

- devem agir após notificação
- devem remover conteúdo ilícito
- devem cooperar com autoridades

A inércia pode gerar responsabilização civil e regulatória, conforme o Marco Civil da Internet e evolução jurisprudencial

2. O QUE FAZER AO IDENTIFICAR ESSES SÍMBOLOS

1. Acione entidades especializadas (cada vez que nada é feito, o silêncio age como um “autorizador” para os propagadores do ódio)
2. Documente (prints, datas, links e os links devem ser registrados, por exemplo pela plataforma Verifact)
3. Não confronte impulsivamente
4. Denuncie às plataformas
5. Busque orientação jurídica (racismo assim como injúria racial são crimes imprescritíveis e inafiançáveis)

A História já mostrou onde o silêncio leva.

Aprender os códigos, denunciar e responsabilizar é dizer:

“Nós estamos vendo e vamos agir”



3. A ASSOCIAÇÃO AVIVA•18

Somos uma Associação independente, técnica e humana, voltada ao enfrentamento da discriminação, com foco especial em antissemitismo e à responsabilização jurídica de propagadores de ódio, além do trabalho estruturado de prevenção e acolhimento. São implantados protocolos de prevenção, assim como de combate (gestão de crise).

A criação da AVIVA•18 é uma resposta ao aumento de casos de intolerância e crimes de ódio, especialmente contra a comunidade judaica, que aumentou exponencialmente.

A iniciativa também visa educar lideranças e colaboradores, promovendo a conscientização e o compliance para prevenir ilícitos e garantir um ambiente livre de discriminação.

Hoje temos três braços principais:

3.1) Aviva•18 Projeto Corporativo

Apoiamos empresas com diagnóstico e capacitação prática (lideranças e equipes), orientação para políticas internas e protocolos, e suporte em casos concretos, inclusive em ambiente digital, para reduzir riscos, proteger pessoas e evitar que incidentes virem crise.

Empresários podem ser responsabilizados caso ocorra um caso de discriminação no "chão de fábrica" e a empresa não estiver preparada e não possuir protocolos para enfrentar a situação.

Atuamos também na gestão de crise, estabilizando o ambiente para depois implantarmos os protocolos de segurança.



3.2) Aviva18 Projeto Educação

Um programa de prevenção e educação: formação para educadores e orientação aos alunos, desde pequenos até universitários. (do 1º grau à Universidade). Para os gestores, orientação para gestão de incidentes, cultura de respeito e segurança no ambiente escolar (inclusive no online), com trilhas adaptadas à realidade de cada instituição.

O Programa “Educar para proteger” da AVIVA•18 foi idealizado especialmente para escolas de 1º e 2º graus, e converte princípios constitucionais em conhecimento acessível, lúdico e transformador. O Artigo 5º da Constituição Federal ganha vida, o ECA se traduz em proteção real, e racismo e antissemitismo deixam de ser conceitos abstratos para se revelar como o que são: crimes, que destroem vidas e instituições.

Aos alunos, falamos sobre bullying, segurança digital, como identificar o antissemitismo e se defender, bullying, discriminação, proteção e direitos, perigos, uso responsável do mundo digital, segurança digital e mais.



1) Aviva•18 Jurídico

Acolhimento e assessoria/providências jurídicas.

Responsabilização penal e cível de propagadores de discurso antissemita nas redes sociais (já são inúmeras denúncias além de causas ganhas).

Monitoramento das redes sociais, registro com ata notarial de casos, denúncia e acompanhamento do processo todo até a esperada condenação.

Casos "físicos": acolhimento das vítimas e acompanhamento de todo o processo, até a esperada condenação.

Temos um departamento de inteligência que trabalha incansavelmente na identificação dos propagadores de ódio, mesmo com perfis falsos ou anônimos, (não existe anonimato na internet), e os monitora, com o objetivo de tornar o ambiente corporativo, educacional e jurídico mais seguro e inclusivo.

A iniciativa também visa educar lideranças e colaboradores, promovendo a conscientização e o compliance para prevenir ilícitos e garantir um ambiente livre de discriminação



ANEXO 2

OS CÓDIGOS ANTES DA INTERNET

A história da camuflagem antissemita antes dos emojis, das redes sociais e dos códigos digitais

1. INTRODUÇÃO

A linguagem cifrada não nasceu com a internet.

Antes dos emojis, antes dos fóruns anônimos, antes dos usernames com números escondidos e antes das mensagens aparentemente “inocentes” em redes sociais, o antissemitismo já se comunicava por códigos.

Mudavam os meios. Permanecia o alvo.

A história do ódio contra os judeus é também a história de uma linguagem que aprendeu a se disfarçar. Quando o ataque direto se tornava socialmente inconveniente, juridicamente arriscado ou politicamente custoso, ele trocava de roupa. Deixava de dizer “judeu” e passava a dizer “usuário”, “cosmopolita”, “globalista”, “banqueiro”, “inimigo interno”, “raça parasitária”, “poder oculto”, “elemento estranho”, “sionista”, “elite internacional” ou qualquer outra expressão capaz de carregar o mesmo veneno com aparência menos explícita.

O código é exatamente isso: uma palavra, imagem, símbolo ou referência que parece neutra para quem está de fora, mas comunica outra coisa para quem conhece o repertório do grupo.

Não é uma invenção tecnológica. É uma velha técnica de perseguição.

A internet apenas acelerou, multiplicou e estetizou um mecanismo antigo: dizer sem dizer; atacar sem assumir; insinuar para mobilizar; ofender com possibilidade de negar.

O antissemitismo sempre foi especialista em duas operações: transformar judeus em símbolo e transformar símbolos em arma.

2. O QUE É LINGUAGEM CIFRADA NO ANTISSEMITISMO

Para os fins deste anexo, linguagem cifrada antissemita é toda forma de comunicação indireta que, dentro de determinado contexto histórico, social, político ou digital, transmite mensagem de hostilidade, inferiorização, exclusão, conspiração, desumanização ou ameaça contra judeus, sem necessariamente utilizar uma ofensa literal.

Ela pode aparecer por meio de:

- palavras aparentemente neutras;
- apelidos;

- metáforas;
- caricaturas;
- números;
- símbolos religiosos distorcidos;
- referências históricas;
- piadas internas;
- eufemismos burocráticos;
- insinuações sobre dinheiro, controle, poder ou deslealdade;
- ou substituições estratégicas da palavra “judeu” por outro termo socialmente mais aceitável.

A lógica é simples e perversa: o emissor sabe o que está dizendo; o grupo iniciado entende; a vítima percebe; mas o agressor tenta manter uma camada de negação.

É o velho “não foi isso que eu quis dizer”.

Foi exatamente isso.

A análise séria, portanto, não pode ser ingênua. Não basta perguntar se a palavra, isoladamente, é ofensiva. É preciso perguntar: quem disse, contra quem disse, em que contexto disse, com que histórico disse, com que símbolos combinou, para qual audiência falou e que tradição antissemita aquela mensagem aciona.

O antissemitismo cifrado vive da ambiguidade.

O Direito não pode ser prisioneiro dela.

3. ANTES DA INTERNET: O ÓDIO JÁ FALAVA EM CÓDIGO

Muito antes das plataformas digitais, o antissemitismo circulava por sermões, panfletos, cartazes, jornais, boatos, caricaturas, leis, discursos políticos e propaganda estatal.

A linguagem variava conforme o tempo.

Na Idade Média, o judeu podia ser apresentado como “assassino ritual”, “profanador”, “envenenador” ou “inimigo da fé”. Na modernidade, passou a ser descrito como “banqueiro internacional”, “cosmopolita sem pátria”, “conspirador”, “controlador da imprensa”, “agitador revolucionário” ou “parasita social”. No século XX, o nazismo refinou essa operação com linguagem racial, pseudocientífica e burocrática. No século XXI, a mesma matriz reaparece em memes, números, emojis, hashtags e imagens aparentemente banais.

O conteúdo, porém, é assustadoramente familiar.

O antissemitismo raramente se apresenta como apenas uma opinião. Ele costuma funcionar como uma narrativa total: explica crises, aponta culpados, cria inimigos, desumaniza pessoas e oferece uma “solução”.

Primeiro vem a palavra.

Depois vem a marca.

Depois vem a exclusão.

Depois vem a violência.

A história ensina isso com uma clareza que dispensa floreios. Ou melhor: exige memória.

4. A IDADE MÉDIA: BOATOS, ACUSAÇÕES E CÓDIGOS RELIGIOSOS

Na Idade Média europeia, acusações falsas contra judeus foram usadas como mecanismo de perseguição coletiva. Entre as narrativas mais persistentes estavam o chamado “libelo de sangue” - a falsa acusação de que judeus assassinariam crianças cristãs para fins rituais - e as acusações de envenenamento de poços. O Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos registra que libelos de sangue e acusações de envenenamento de poços foram temas recorrentes da perseguição aos judeus na Europa medieval e moderna.

Essas acusações funcionavam como códigos sociais.

Não era necessário provar nada. Bastava acionar o repertório simbólico já instalado: judeu como perigo oculto; judeu como ameaça ao corpo social; judeu como inimigo interno; judeu como agente de contaminação.

A acusação de envenenar poços, por exemplo, não era apenas uma mentira factual. Era uma metáfora política e religiosa: a ideia de que os judeus contaminariam a sociedade por dentro.

Esse é um ponto central.

O antissemitismo não precisa apenas insultar. Ele constrói uma gramática de suspeita.

O judeu passa a ser visto como alguém que não pertence, que atua escondido, que envenena, corrompe, manipula, lucra, conspira ou ameaça.

É a mesma estrutura que, séculos depois, aparecerá em versões modernas: “eles controlam a mídia”, “eles controlam os bancos”, “eles manipulam governos”, “eles estão por trás de tudo”.

Troca-se o poço pela internet.

A acusação permanece.

5. O JUDEU COMO “USURÁRIO”: QUANDO A PALAVRA ECONÔMICA ESCONDIA O PRECONCEITO

Outro código histórico recorrente foi a associação entre judeus e dinheiro.

Durante séculos, restrições legais, religiosas e sociais limitaram a participação judaica em diversas atividades econômicas. Em determinados contextos europeus, judeus foram empurrados para funções financeiras específicas e, depois, acusados de representar exatamente aquilo que a própria estrutura social os obrigara a exercer.

Nasceu aí uma das imagens mais persistentes do antissemitismo: o judeu como “usurário”, “banqueiro”, “agiota”, “explorador” ou “controlador do dinheiro”.

Essas palavras nem sempre apareciam como ofensa direta. Muitas vezes surgiam como comentário “econômico”, “moral” ou “político”. Mas, em contexto antissemita, funcionavam como substitutos simbólicos da palavra judeu.

A acusação econômica é uma das máscaras preferidas do antissemitismo.

Ela permite que o agressor diga que está criticando “o sistema financeiro”, “os bancos”, “a elite”, “o capital internacional” ou “os donos do dinheiro”, quando, na verdade, está acionando o velho estereótipo de que judeus controlariam a riqueza mundial.

A ADL registra que teorias conspiratórias modernas sobre “poder judaico” incluem mitos sobre controle judaico dos bancos, de Wall Street, de guerras e de conflitos globais.

Por isso, o problema não é criticar bancos, capitalismo, elites econômicas ou instituições financeiras.

O problema surge quando a crítica se transforma em acusação coletiva contra judeus - explícita ou codificada.

Crítica econômica é legítima.

Teoria conspiratória antissemita não é crítica. É perseguição com vocabulário de economia.

6. OS “PROTOS DOS SÁBIOS DE SIÃO”: A FALSIFICAÇÃO QUE VIROU CÓDIGO GLOBAL

Nenhum texto ilustra melhor a força da linguagem cifrada antissemita moderna do que os chamados “Protos dos Sábios de Sião”.

Trata-se de uma falsificação antissemita que difundiu a ideia de uma conspiração judaica mundial para controlar governos, imprensa, finanças e sociedades. O Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos descreve os “Protos” como uma teoria conspiratória antissemita, difundida internacionalmente, que serviu de base para propaganda antijudaica moderna.

A importância dos “Protocolos” não está apenas no texto em si, mas no modelo mental que ele consolidou.

Depois dele, tornou-se comum falar de “poder oculto”, “governo invisível”, “elite internacional”, “banqueiros globais”, “mídia controlada”, “agenda mundial” e outras expressões que, dependendo do contexto, podem operar como substitutos do mesmo mito conspiratório.

A linguagem muda. A estrutura permanece:

há uma crise;

a crise precisa de um culpado;

o culpado é invisível;

o invisível controla tudo;

e esse controlador, direta ou indiretamente, é associado aos judeus.

A falsificação virou matriz.

E a matriz continua funcionando.

Hoje, quando certos discursos falam obsessivamente em “globalistas”, “elite cosmopolita”, “banqueiros internacionais” ou “poder mundial oculto”, é preciso observar o contexto. O American Jewish Committee registra que termos como “globalist” e “cosmopolitan elite” podem funcionar como códigos antissemitas quando usados para acusar judeus de controle, deslealdade ou manipulação internacional.

Nem todo uso dessas palavras será antissemita.

Mas quando elas aparecem combinadas com símbolos judaicos, acusações de controle, referências financeiras, desumanização, negação da legitimidade judaica ou outros códigos extremistas, deixam de ser neutras.

O velho panfleto apenas encontrou teclado.

7. CARICATURAS E IMAGENS: O CÓDIGO VISUAL ANTES DO EMOJI

Antes do emoji, havia a caricatura.

Antes do meme, havia o cartaz.

Antes do avatar, havia o desenho de jornal.

O antissemitismo visual sempre trabalhou com exageros e deformações: nariz, mãos, dinheiro, mapas, tentáculos, ratos, aranhas, sombras sobre o mundo, figuras controlando políticos como marionetes.

Essas imagens produziam uma mensagem dupla.

Para o público geral, pareciam sátiras políticas.

Para o repertório antissemita, diziam outra coisa: “eles controlam”, “eles sugam”, “eles manipulam”, “eles são praga”, “eles são menos humanos”.

A desumanização visual é uma forma de preparação moral da violência.

Ninguém começa defendendo o extermínio de pessoas que reconhece plenamente como pessoas. Primeiro, transforma-se o outro em coisa, ameaça, doença, inseto, rato, sujeira, parasita, contaminação.

Depois, a eliminação passa a parecer “defesa”.

Esse é o mecanismo.

O emoji de rato, a barata, o inseto, a caveira, o dinheiro, o mundo nas mãos de alguém, a máscara, o cérebro ou qualquer outro símbolo contemporâneo não surgem do nada. Eles pertencem a uma tradição visual antiga, adaptada ao ambiente digital.

O que antes era impresso em papel agora aparece em comentário, sticker, avatar, bio ou montagem.

O suporte mudou.

A gramática do ódio, infelizmente, continua reconhecível.

8. O NAZISMO E A BUROCRACIA DO EUFEMISMO

O regime nazista levou a linguagem cifrada a um grau extremo.

O nazismo não apenas insultava. Ele administrava o extermínio por meio de palavras burocráticas, técnicas e aparentemente frias.

A expressão “Solução Final da Questão Judaica” foi usada pela liderança nazista como eufemismo para o assassinato em massa dos judeus europeus. O Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos descreve expressamente a “Final Solution to the Jewish Question” como eufemismo usado por líderes da Alemanha nazista para se referir ao assassinato em massa dos judeus da Europa.

Esse ponto é essencial.

O genocídio não se comunicava sempre com gritos. Muitas vezes vinha em linguagem administrativa: “evacuação”, “reassentamento”, “tratamento especial”, “transporte”, “questão judaica”, “medidas”, “solução”.

Yad Vashem também destaca que os nazistas utilizaram uma linguagem profundamente velada, formada por eufemismos destinados a esconder objetivos criminosos e enganar vítimas, espectadores e até parte da burocracia envolvida.

A palavra era limpa.

O ato era monstruoso.

Essa é uma das maiores lições históricas para a análise contemporânea: linguagem neutra não garante conteúdo neutro.

A aparência burocrática, humorística, estética ou simbólica pode esconder uma mensagem de ódio.

O nazismo compreendeu isso muito bem. Por isso, a resposta democrática não pode ser literalista, distraída ou ingênua.

Quando o ódio aprende a falar em código, a sociedade precisa aprender a ler.

9. “COSMOPOLITA”, “GLOBALISTA”, “SIONISTA”: A TROCA DO NOME DO ALVO

Depois da Shoá, o antissemitismo explícito perdeu legitimidade em muitos espaços públicos. Isso não significou seu desaparecimento. Significou adaptação.

Em diversos contextos, a palavra “judeu” passou a ser substituída por outras expressões.

Às vezes, “cosmopolita”.

Às vezes, “globalista”.

Às vezes, “banqueiro internacional”.

Às vezes, “sionista”.

Às vezes, “elite”.

Às vezes, “eles”.

Essa substituição é uma das formas mais perigosas da linguagem cifrada.

O problema não está na existência dessas palavras em si. Todas podem ter usos legítimos. “Sionista”, por exemplo, é termo histórico e político relacionado ao direito de autodeterminação do povo judeu e à existência nacional judaica. “Globalista” pode ser usado em debates sobre política internacional. “Elite” pode ser usada em crítica social. “Banco” pode ser criticado. “Governo” pode ser criticado. “Israel” pode ser criticado.

O ponto de alerta surge quando essas palavras passam a carregar os mesmos estereótipos historicamente atribuídos aos judeus: controle oculto, ganância, manipulação mundial,

deslealdade, contaminação, conspiração, poder absoluto, culpa coletiva.

Quando “sionista” é usado como substituto funcional de “judeu” para desumanizar, inferiorizar ou atribuir culpa coletiva, a crítica política desaparece.

O que resta é o velho antissemitismo com vocabulário novo.

É a mesma máscara de sempre: muda o nome do alvo para preservar o ataque.

10. O CÓDIGO COMO INSTRUMENTO DE NEGAÇÃO

A linguagem cifrada tem uma vantagem estratégica para o agressor: ela permite negar.

O autor pode dizer:

- “era só uma piada”;
- “era só um emoji”;
- “era só um número”;
- “era só uma crítica política”;
- “era só uma referência histórica”;
- “era só humor”;
- “vocês estão exagerando”;
- “tudo agora é antissemitismo”.

Essa negativa faz parte do método.

A ambiguidade não é acidente. É ferramenta.

O objetivo é permitir que a mensagem circule entre os iniciados, intimide a vítima e, ao mesmo tempo, preserve uma defesa pública mínima para o agressor.

É o discurso de ódio com álibi embutido.

Por isso, a análise não pode parar na superfície. O fato de uma palavra ou símbolo ter significado comum não elimina seu possível uso discriminatório em determinado contexto.

Uma caveira pode ser apenas caveira.

Um rato pode ser apenas rato.

Um número pode ser apenas número.

Um emoji pode ser apenas emoji.

Mas, em certos contextos, todos podem funcionar como mensagem antissemita.

O critério não é paranoia.

O critério é contexto.

11. DA MARCA FÍSICA À MARCA DIGITAL

A história judaica conhece marcas impostas de fora.

Houve tempos em que judeus foram obrigados a usar sinais distintivos, roupas específicas ou marcas públicas para serem identificados, separados e humilhados. No nazismo, a estrela amarela tornou-se símbolo brutal dessa política de identificação forçada, segregação e perseguição.

Na internet, a marcação pode ser menos visível, mas não menos violenta.

Os parênteses triplos, por exemplo, funcionam como marca digital: cercam um nome para indicar que aquela pessoa é judia ou associada a judeus, facilitando escárnio, exposição ou ataque. O American Jewish Committee descreve o glossário Translate Hate como ferramenta para identificar termos, temas e símbolos antissemitas que podem se esconder “à vista de todos”, inclusive no ambiente digital.

A lógica é antiga: identificar, separar, apontar, expor.

Antes, marcava-se o corpo.

Hoje, marca-se o perfil.

Antes, a exclusão era pregada na porta.

Hoje, é fixada no comentário.

A tecnologia mudou a forma da perseguição.

Não mudou sua essência.

12. POR QUE ESSE HISTÓRICO IMPORTA PARA A ANÁLISE JURÍDICA

O histórico da linguagem cifrada antissemita importa porque demonstra que o discurso de ódio raramente começa como violência explícita.

Ele começa como sugestão.

Depois vira piada.

Depois vira código.

Depois vira normalização.

Depois vira autorização social

Depois vira ataque.

A experiência histórica mostra que símbolos, metáforas e eufemismos podem ser parte do caminho de preparação da violência discriminatória. Por isso, a análise jurídica contemporânea deve considerar não apenas o conteúdo literal da mensagem, mas também seu sentido histórico, sua circulação social, seu público, sua reiteração e sua função comunicativa.

Não se trata de punir pensamento.

Não se trata de censurar crítica política.

Não se trata de transformar todo desconforto em crime.

Trata-se de reconhecer que o antissemitismo, ao longo da história, operou muitas vezes por disfarce, substituição e insinuação.

A linguagem cifrada é juridicamente relevante porque pode demonstrar dolo, intenção discriminatória, adesão ideológica, direcionamento, ameaça, incitação, humilhação ou participação em ambiente extremista.

O Direito não pode exigir que o racista escreva a palavra proibida em letras garrafais para só então reconhecer o racismo.

Seria premiar o disfarce.

Seria transformar a esperteza do agressor em blindagem jurídica.

13. CRITÉRIOS DE IDENTIFICAÇÃO

A leitura de mensagens cifradas deve observar, no mínimo, os seguintes elementos:

- o contexto da publicação;
- o alvo da mensagem;
- o histórico do autor;
- a repetição do símbolo ou expressão;
- a combinação com outros códigos;
- o uso em comunidades extremistas;
- a presença de referências a dinheiro, controle, conspiração, desumanização ou pureza racial;
- a reação do público iniciado;
- a ausência de sentido banal plausível;

- e a conexão com narrativas historicamente antissemitas.

Nenhum desses elementos precisa aparecer sozinho como prova absoluta.

O sentido nasce do conjunto.

É como mosaico: uma peça isolada pode parecer pouca coisa. A imagem se revela quando as peças se juntam.

14. NOTA DE CAUTELA

A identificação de linguagem cifrada exige responsabilidade.

Nem todo símbolo é crime.

Nem toda palavra ambígua é antissemitismo.

Nem toda crítica a Israel é antissemitismo.

Nem toda imagem é mensagem codificada.

A banalização do conceito enfraquece a denúncia séria.

Mas o contrário também é verdadeiro: a ingenuidade diante dos códigos fortalece o agressor.

O caminho correto é o equilíbrio técnico.

Nem paranoia.

Nem cegueira.

Contexto, prova, reiteração e análise histórica.

É assim que se separa o uso banal do uso discriminatório.

É assim que se protege a liberdade de expressão sem permitir que ela seja sequestrada pelo ódio.

15. CONCLUSÃO

As mensagens cifradas antissemitas não começaram com emojis.

Elas atravessam séculos.

Vieram em boatos medievais, acusações religiosas, caricaturas, panfletos, eufemismos burocráticos, teorias conspiratórias, slogans políticos, códigos raciais e, hoje, aparecem em números, símbolos, memes e emojis.

O antissemitismo aprendeu a sobreviver mudando de linguagem.

Quando uma palavra se torna proibida, ele usa outra.

Quando um símbolo é identificado, ele troca o símbolo.

Quando a plataforma modera, ele cria piada interna.

Quando a sociedade reage, ele finge neutralidade.

Mas a estrutura permanece: marcar os judeus como ameaça, culpa, doença, poder oculto, inimigo interno ou corpo estranho.

Por isso, compreender a história da linguagem cifrada não é preciosismo acadêmico.

É medida de prevenção.

É instrumento jurídico.

É alfabetização democrática.

O ódio muda de máscara.

A memória precisa reconhecer o rosto.

O ódio muda de máscara. A memória precisa reconhecer o rosto.



ANEXO 1

Análise Jurídica

Assunto: Uso de símbolos, emojis, números e linguagem cifrada como instrumentos de disseminação de discurso antissemita em ambientes digitais: enquadramento jurídico, responsabilização penal, civil e institucional.

Autoria: Dra. Lilia Frankenthal

Data: 09 de dezembro de 2025

I DOS ELEMENTOS ANALISADOS

Submete-se à apreciação jurídica a utilização contemporânea de símbolos visuais, números, emojis e códigos linguísticos como forma velada de disseminação de discurso antissemita, especialmente em ambientes digitais, analisando-se sua relevância jurídica, o enquadramento penal possível, as hipóteses de responsabilização civil e institucional, bem como o dever de atuação preventiva e repressiva do Estado e de entidades privadas.

II DA CONTEXTUALIZAÇÃO FÁTICA

Observa-se, de modo crescente, a sofisticação estratégica do discurso de ódio, em especial o antissemitismo, manifestada por meio de linguagem simbólica e cifrada.

Grupos extremistas, cientes da repressão constitucional e penal ao racismo explícito, passaram a adotar códigos semióticos com a finalidade de burlar mecanismos de moderação, dificultar denúncias e conferir aparência de normalidade a ideologias historicamente associadas à exclusão, desumanização e violência.

Tais manifestações ocorrem, em regra, por meio do uso reiterado e contextualizado de números, emojis, símbolos visuais, memes e associações semânticas reconhecidas em ambientes extremistas, não constituindo mera expressão individual, mas sim comunicação intencionalmente estruturada.

III DA TIPICIDADE PENAL EM CONTEXTO SIMBÓLICO

O ordenamento jurídico brasileiro não exige literalidade para a configuração do crime de racismo. A tipicidade penal decorre da conjugação entre o conteúdo discriminatório, o elemento subjetivo (dolo direto ou eventual) e o contexto histórico, social e semântico em que a conduta se insere. O Direito Penal e o Direito Constitucional contemporâneos repudiam interpretações meramente literalistas, sob pena de esvaziamento da tutela da dignidade humana diante da evolução dos meios de comunicação.

IV DO CONTEXTO COMO ELEMENTO ESSENCIAL DA ILICITUDE

A análise jurídica das manifestações simbólicas deve considerar a intenção do agente, a reiteração da conduta, a associação histórica dos símbolos utilizados e sua inserção em narrativas de ódio. O uso isolado e descontextualizado de um símbolo pode ser juridicamente neutro; seu uso reiterado, contextualizado e associado a discursos de exclusão, não.

A interpretação contextual constitui exigência constitucional de efetividade normativa

V DO MARCO CONSTITUCIONAL E JURISPRUDENCIAL, E LEGISLAÇÃO ESPECIAL

V.1 – Do antissemitismo como forma de racismo

O art. 5º, XLII, da Constituição Federal define o racismo como crime inafiançável e imprescritível. No julgamento do HC 82.424 /RS (Caso Ellwanger), o Supremo Tribunal Federal firmou compreensão de que o antissemitismo configura forma de racismo, por traduzir ideologia de inferiorização e exclusão de um povo, com reconhecida carga histórica de violência.

Tal entendimento é consolidado e orienta a atuação de todas as instituições do sistema de justiça.

V.2 – Da Lei nº 7.716/1989

A Lei nº 7.716/1989 tipifica condutas que incitam, promovem ou disseminam discriminação e ideologias de exclusão, independentemente da forma expressiva adotada.

Não se exige linguagem explícita, bastando a presença de conteúdo discriminatório, intenção ou assunção do risco e potencial lesivo à dignidade coletiva.

VI DA INCIDÊNCIA DE OUTROS TIPOS E DA RESPONSABILIZAÇÃO CIVIL

Além da Lei do Racismo, podem incidir os artigos 286 e 288 do Código Penal, bem como crimes contra a honra, conforme a situação concreta.

É igualmente cabível a responsabilização civil por danos morais individuais e coletivos, não sendo o humor, a ironia ou o suposto debate público aptos a afastar a ilicitude.

VII DA RESPONSABILIDADE INSTITUCIONAL E DAS PLATAFORMAS DIGITAIS

Instituições que detêm dever de vigilância e poder disciplinar podem ser responsabilizadas por omissão quando deixam de agir diante de sinais claros de discurso de ódio.

As plataformas digitais, embora não atuem como editoras universais, possuem dever de agir após notificação, remover conteúdos ilícitos e cooperar com autoridades, sob pena de responsabilização.

VIII DO DEVER DE PREVENÇÃO

A prevenção, por meio da educação e da capacitação institucional, constitui dever jurídico compatível com a Constituição Federal e com os compromissos internacionais assumidos pelo Estado brasileiro, e é medida de mitigação de risco jurídico, além de compromisso humanitário.

IX DA CONCLUSÃO

Diante do exposto, opina-se pela plena relevância jurídica do uso contextualizado de símbolos, emojis e códigos associados ao antissemitismo, pela possibilidade de responsabilização penal, civil e institucional, bem como pela legitimidade de medidas preventivas e educativas.

Assim, conclui-se

1. Que o uso de símbolos, emojis, números e códigos visuais associados ao antissemitismo, quando contextualizado, é juridicamente relevante e pode configurar crime de racismo;
2. Que a análise Jurídica deve ser contextual, histórica e intencional, jamais literal ou isolada;
3. Que há possibilidade de responsabilização Penal e Cível dos agentes diretos e responsabilidade institucional (na pessoa física dos responsáveis: lideranças, gerentes, diretores, professores) por omissão;
4. A repressão institucional é compatível com a Constituição Federal e a Jurisprudência do STF;
5. Que empresas, escolas e organizações têm dever jurídico de prevenção, apuração e resposta;
6. Que iniciativas educativas e preventivas se alinham ao ordenamento constitucional brasileiro e aos compromissos internacionais de direitos humanos;





&



Telefone

115225-8418

WhatsApp

115225-8106

E-Mail

hyh@aviva18.com.br

Site

www.aviva18.com.br

CEP 04543-011 - vila Nova Conceição - São Paulo